

FLUXO CONTÍNUO

HERÓIS DO ÓDIO: um olhar sobre a psique e a construção do mito na polarização política tóxica

HEROES OF HATE: a look at the psyche and myth-making in toxic political polarization

Allan Freire do Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo parte da reflexão sobre os últimos anos de polarização no Brasil e Estados Unidos a partir de uma perspectiva psicológica que, aliada à ciência política, propõe uma análise de trajetórias ao poder de Jair Bolsonaro e Donald Trump sob o conceito de *jornada do herói* de Joseph Campbell (condensada e mais didaticamente estruturada por Christopher Vogler). Assim, na consideração de que vivemos um contexto de polarização política, do tipo afetiva e tóxica, que incita massas mesmo fora dos períodos de campanha eleitoral, fica a questão investigada no trabalho: *sob ângulo da psicologia individual e coletiva, como se dá o processo de heroicização/mitificação de personagens políticos difusores de atos e palavras que flertam com autoritarismo e agressão contra opositores?* Desta forma – e ainda lastreado por conceitos de Carl Jung e Sigmund Freud – são envidados esforços para incremento desta investigação da psique política até a síntese do que se comprehende como homem-ideia.

PALAVRAS-CHAVE: polarização; política; psicologia; Brasil; Estados Unidos

HEROES OF HATE: a look at the psyche and myth-making in toxic political polarization

ABSTRACT

This essay is based on a reflection on the recent years of polarization in Brazil and the United States from a psychological perspective that, combined with political science, proposes an analysis of the trajectories to power of Jair Bolsonaro and Donald Trump under the concept of Joseph Campbell's *hero's journey* (condensed and more didactically structured by Christopher Vogler). Thus, considering that we live in a context of political polarization, of the affective and toxic type, which incites masses even outside of election campaign periods, the question investigated in the work is: *from the perspective of individual and collective psychology, how does the process of heroization/mythification of political figures who spread acts and words that flirt with authoritarianism and aggression against opponents occur?* In

¹ Profissão: professor da rede pública estadual do Rio de Janeiro. Vínculo institucional e título acadêmico: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) / Mestrado em Ciência Política (atualmente doutorando na mesma área e na mesma instituição)

FLUXO CONTÍNUO

this way – and still supported by concepts from Carl Jung and Sigmund Freud – efforts are made to increase this investigation of the *political psyche* until the synthesis of what is understood as *man-idea*.

Keywords: polarization; politics; psychology; Brazil; United States

1 INTRODUÇÃO

Todo vilão é o herói de sua própria história.
Fulvius Zaborf

Desde a antiguidade, imagens de salvadores permeiam culturas. A construção desta figura se dá por um processo marcado por uma jornada, de maneira a consagrar o título de herói.

Na sua celebração, o herói se torna mito, pelo passou e, perante a adoração das massas, passa a ser representante do povo, talvez algo ainda maior até do que as instituições de um Estado democrático de direito definem em seus parâmetros.

Mesmo bravatas de pseudonotáveis, acabam por fortalecer estes, dado que se passam por perseguidos de algum eixo de inimigos. Um conjunto discursivo com vigor e remodelagem poderosa na era digital.

No referente à história e à política contemporâneas, não faltam exemplos de personalidades que, em nome de seus ideais a bem do povo, exerceram atrocidades. Mas sendo a proposta deste artigo analisar a construção da figura do herói na história presente, não se deve desviar do fato de que o extremo-direitismo ganha o protagonismo pelo uso da estrutura democrática para corroê-lo com práticas e falas de líderes que, no mínimo, flertam com o autoritarismo. Assim, optou-se pela análise da trajetória de duas personalidades políticas (Donald Trump e Jair Bolsonaro), dadas as notoriedades internacionais (do primeiro, em especial), e as similitudes em ambos na construção de seus mitos políticos.

As figuras destes homens no poder denotam a colaboração para uma maior instabilidade onde atuaram. E cabe destacar o entendimento deste trabalho sobre polarização política, sendo esta de tipo afetiva e tóxica. Especificamente, em como o perigo para a democracia deriva de uma dinâmica política em que uma polarização saudável se transforma numa polarização tóxica (Milačić, 2021, p. 2, tradução nossa). Uma condução que, sob o ângulo de uma psicologia individual e coletiva associada à ciência política, colabora para um outro olhar sobre este novo extremo-direitismo que nasce de um mesmo tronco eleitoral da democracia

FLUXO CONTÍNUO

liberal, mas desta se afasta e diferencia em visão aterrorizadora da política atual, com idolatrados heróis e seus discursos de ódio.

Nesta percepção psíquica da construção do mito do herói em Trump e Bolsonaro, destaca-se como fonte maior o trabalho de Joseph Campbell e seu *O Herói de Mil Faces*. Nesta obra de 1949, foi apresentada a construção da figura do herói pela análise de mitologias antigas, bem como conceitos psicológicos. Uma exposição muito conhecida, sobretudo, para narradores de histórias ficcionais. Assim, nos deparamos com Christopher Vogler e seu livro *A Jornada do Escritor* que, em 2015, revisitou e condensou a extensa jornada do herói de Campbell, que acabou por dar notoriedade a este. Isto se dá, inclusive pelo fato de que as etapas estruturadas por Vogler são as mais conhecidas em pesquisas realizadas sobre o assunto e que nada diminui a produção original de Campbell. Assim, por uma questão didática, foi considerada a estrutura das etapas de Vogler, mas com destaque de conteúdo à obra de Campbell.

E após a trajetória do herói, como forte demanda desta, se fez premente a verificação de alguns conceitos de Carl Jung e Sigmund Freud nos estudos que empreenderam, respectivamente, sobre arquétipos e o retorno do recalcado. Tais questões incrementam os entendimentos sobre a figura do herói e como este é produzido e se consolida numa relação de mão dupla entre indivíduo e massa.

O esforço maior deste artigo, portanto, é compreender e contemporizar heróis atuais e reais, pois, como nos atenta a íntegra do excerto que serve de epígrafe: *Todo vilão é o herói de sua própria história. Esse fato explica suas mentiras; contadas na mais absoluta boa-fé de seus princípios e motivações.* E de seu autor, aliás, nada se sabe para além do fato de ser um enigmático personagem de internet com publicação de umas poucas e profundas citações. Seria, talvez, uma intencional construção de perfil misterioso para nos lembrar da sobreposição da mente sobre a matéria, que mais forte é o poder da ideia do que a duração do homem.

2 POLARIZAÇÃO EM REVISTA E A JORNADA DO HERÓI

A despeito da atualidade fornecer o sentido para as análises e constatações da polarização tão em voga, este conceito permeia estudos de outrora, predecessoras da recente década e dos arroubos extremistas que têm afetado países como o Brasil e Estados Unidos. E de tais estudos, cada qual procurando responder o que daria ensejo a um ambiente polarizado, houve também aqueles que procuraram estabelecer como aceito que a polarização não seria uma evidência de massa, como em

FLUXO CONTÍNUO

trabalhos de Fiorina e Abrams (2006) (2008). Contudo, há de se ter em conta que as citadas produções se deram em momentos que, mesmo em termos de percepção geral, não tinha a proporção ensejada como a dos últimos anos. Não havia (ainda) o temor por se deparar a todo o tempo com indivíduos sectários políticos, nos momentos e lugares mais casuais do cotidiano, mesmo entre familiares e amigos.

E ainda que os destacados trabalhos não tivessem a confirmação de um futuro não polarizado, há de se conceder o mérito de trazer ao debate acadêmico espaço para um conceito que muito permearia a realidade global em sociedade e política. Quer dizer, se Fiorina e Abrams não constataram polarização em suas análises, por outro lado, suscitaram que o tema merecia um acompanhamento para possíveis ocorrências mais evidentes num porvir de democracia mais fragilizada. Como bem coloca Lelkes em estudo mais recente (2016, p. 403, tradução nossa):

Esta não é uma revisão exaustiva da polarização de massas, uma vez que também foram discutidas outras formas que não são apresentadas nesta revisão

(...)

Em suma, a polarização é uma construção complexa que requer uma discussão matizada.

Para informar adequadamente o público, os investigadores e jornalistas devem especificar mais claramente a sua operacionalização da polarização de massas.

Ainda que o autor avalie que a polarização política seja um fenômeno restrito a partidários – nos fazendo refletir de que, não sendo algo de massa propriamente, poderia se tratar de grupos ativos aparentando uma força maior do que a real – temos uma percepção maior de que há um fenômeno polarizador e seu potencial de desestabilização do cenário político. No entanto, no reconhecimento às próprias limitações e à importância que o tema urgia, foram destacadas lacunas a serem investigadas para ratificação do efeito polarizador na sociedade e mais detalhes sobre seu funcionamento.

A própria história recente acabou por demonstrar como a última década evidenciou o ressurgimento e rápida expansão do extremismo de direita. E para referência neste trabalho, são selecionados os casos de Brasil e Estados Unidos, sendo o primeiro por conta de Jair Bolsonaro e o fenômeno que se substantivou como movimento (bolsonarismo). E o caso seguinte devido à Donald Trump, presidente eleito nos Estados Unidos um ano antes de Bolsonaro aqui e muito comunga com este (conservadorismo, armamentismo, empreendedorismo e Estado mínimo).

Inclusive em semelhantes discursos com visão projetada de si, tratando sobre homens fora do sistema (*outliers*). De um, o ex-militar

FLUXO CONTÍNUO

injustiçado e incompreendido em ações de insubordinação que o levaram à reserva; não como punição, mas porque se elegeu vereador em 1988 e, assim, prosseguiu representando a categoria dos militares na vida parlamentar. Do caso estadunidense, um empresário bem-nascido e bem-sucedido de outrora, mas que via seu império sob ameaça após várias falências até seu destaque em um *reality show* televisivo e sua ascensão na política, baseada na narrativa da história de vida como aquele que sabia superar crises empresariais e, portanto, saberia reconstruir a grandeza de um país que devia retomar ações incisivas globais (nova roupagem do *big stick*).

Em ambos os casos, se percebe a construção de uma normatividade mítica em que o personagem político é endeusado num contexto em que a simples oposição política foi substituída pelo ódio. Assim, percebe-se que, a despeito da política sempre ser um campo de tensões, o que ocorre é uma arena em que o visceral e virulento contra o outro leva a verdadeiras agressões contra opositores ideológicos.

Como ponto de partida, é perceptível a lógica que se verifica nos discursos heroicizantes dos personagens em tela em que, por seus correligionários, são levados a uma verdadeira apoteose, quando o herói se torna mito, quase que um verdadeiro deus na Terra frente à profunda degradação de um presente que só pode ser reparado por estes homens. Assim, olhar para estes personagens é olhar para seus representados que, por sua vez, se evidenciam nas suas características quando são contrariados:

Criticar Bolsonaro é entendido pelos bolsonaristas como a crítica a um deus, é como criticar o seu conceito de bem, a sua sexualidade, a sua masculinidade e todos os seus valores. Não consigo não chamar isso de paixão fascista. Bolsonaro é o fetiche do normativo (Guerreiro, 2019, p.73).

A narrativa destes *mitos* se constrói e consolida por princípios que todo aquele que pleiteia um cargo se vale: se ver como o diferente de tudo isso que tá aí, e trazer o melhor, bom e certo para o país. As inovações se dão por conta de um simplismo de mensagens descompromissadas com a verdade, em inúmeros disparos de pequenos conteúdos pelas redes sociais. É o processo de *mimese*, em que a publicação (*meme*) surge e se replica exponencialmente nas ondas do ódio e do riso e talvez isso explique o motivo das redes sociais serem uma mescla de piadas e xingamentos (Guerreiro, 2019, p.63).

E a ausência de passagens por outros cargos de chefias executivas antes da presidência da república (no caso de Trump, nem mesmo uma trajetória política) – não lhes desmerece junto ao séquito. Ao contrário, é prova de seus antissistemas.

FLUXO CONTÍNUO

Pela perspectiva de Joseph Campbell, são 18 as etapas da jornada do herói descritas ao longo dos 3 primeiros capítulos de *O Herói de Mil Faces*. E se baseando nesta obra, onde denotou padrões narrativos para produções cinematográficas, Christopher Vogler, em *A Jornada do Escritor*, efetuou uma condensação em 12 etapas que em nada deixa a dever à obra-fonte, de forma que apenas tornou mais didática a apresentação e estrutura sem desrespeitar a produção de Campbell. Assim, com intuito de não exceder a objetividade, se optou por seguir a estrutura de Vogler, mas com ênfase de citações à Campbell no decorrer do trabalho, comparando a estrutura narrativa do herói aos casos políticos destacados.

A começar, temos *O Centro do Mundo* (Vogler) ou *Mundo Comum* (Campbell), ambiente no qual se vive em meio a alegrias e dissabores, tal qual a vida das pessoas em geral. É o ponto inicial de identificação que se cria para captar atenção das massas.

Quantos não gostariam de maiores ganhos no empreendedorismo, não fossem as pesadas tributações do governo? Quantos não gostariam de uma vida com mais segurança, não fossem ações que privilegiasssem bandidos em detrimento do cidadão de bem? O mundo comum, no entanto, não é para o herói, e sim para o homem comum, que tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado (Campbell, 1997, p. 45).

No mundo comum, os homens comuns são a todo o tempo defrontados com tensões, conflitos, que os impingem à segunda etapa de Campbell, o chamado à aventura. É quando o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida (Campbell, 1997, p.34). Momento a partir do qual, aqueles homens saíram de suas notórias e confortáveis trajetórias, fosse como empresário ou antigo político do baixo clero, para maiores e desconhecidos voos. E, no entanto, esta convocação nem sempre é aceita de imediato ou, quando ocorre, apresenta momentos de resistência pela profunda modificação na vida do protagonista. É a etapa da recusa do chamado, com ilustrações como a recusa de Trump (a um convite nunca feito) para estampar capa de personalidade do ano na Revista Time de 2017 (Atayde, 2017), depois de efetivamente tê-lo sido no ano anterior. Ou a declaração de choros rotineiros de Bolsonaro devido ao peso da presidência (Soares, 2021).

O chamado à tamanha responsabilidade por terras tão hostis que se apresentam a estes homens de coragem antissistêmica não poderia ser conduzido sozinho. Assim, a despeito de suas mostras de resistência e dificuldade, o herói, afinal aceita o chamado. E cada qual dos líderes em

FLUXO CONTÍNUO

tela, naturalmente, formou seu grupo, seu ministério para o caso de eleitos. No entanto, em cada um se notabilizou uma figura a ser consultada, essencial na base teórica que definiria a estratégia de alcance e manutenção do poder. Aqui seria a etapa que Vogler chama de *O Encontro com o mentor*, se referindo ao fato de que essa figura representa o poder benigno e protetor do destino (Campbell, 1997, p. 40). Para Trump, foi Steve Bannon, ícone da direita mundial e estrategista-chefe do seu primeiro governo, além das fortes ligações que mantém com o clã Bolsonaro. Este, inclusive, além do ponto em comum em Bannon, também teve em Olavo de Carvalho o epíteto de *guru do bolsonarismo* (Marques, 2022), personagem controverso que caminhou da esquerda à extrema-direita, conhecido por seu negacionismo climático e difusão de teorias conspiratórias.

Agora poderiam seguir para a etapa sobre *A passagem do primeiro limiar*, fase na qual as regiões do desconhecido (deserto, selva, fundo do mar, terra estranha etc.) são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes (Campbell, 1997, p. 45). Assim, temos a metáfora de que o terreno tão cobiçado (o poder presidencial) era a terra estranha a se conhecer após conquistada por aqueles chefes do executivo de primeira viagem. É um mundo físico (o país, o mundo) mesclado ao psíquico, na medida em que se trata de muito mais do que limites geográficos das jurisdições, pois que a responsabilidade assenta na liderança de pessoas e o que os embala a afastar o mal no mundo (comunismo, globalismo, pacifismo, identitarismo).

O lidar com adversidades (reais ou imaginárias nos discursos de flertes autoritários de Trump e Bolsonaro) é uma constante. Assim, há a quinta etapa intitulada *Provas, aliados e inimigos* como extensão e aprofundamento da etapa anterior. Aqui, pois, as provações continuam, se tornando claro os aliados na construção deste mito do extremo-direitismo e que o sustenta em sua passagem sobre-humana (Campbell, 1997, p. 57). Desta forma, tratando por setores, se percebe o quanto se comungam os perfis entre ambos os presidentes: aqueles com visão de si como aliados do poder.

Uma grande tensão se avizinha. Anos de governo se passam e a chegada de novo pleito coloca em questão a continuidade no poder. Para quem a todo o tempo não perdeu oportunidades de zombar de uma doença global, incitar ânimos contra opositores ideológicos e minorias, como se daria a humildade no reconhecimento de que como em qualquer jogo democrático, o perdedor se conforma, colabora na transição e tenta novamente em outra oportunidade? Todos sabemos, afinal. Eis a fase da *Aproximação da Caverna Secreta*. Capitólio lá, Praça dos Três Poderes aqui e as tentativas de derrubada do Estado representadas por estes execráveis

FLUXO CONTÍNUO

ocorridos. Enfim, para cada um se mostrou como a provação a partir da qual o herói deve derivar esperança e garantia da figura masculina (Campbell, 1997, p. 72). Portanto, demonstrações cabais de disposição da continuidade antidemocrática no poder, mas que o resultado das urnas não os favoreceu para a continuidade.

É chegada a oitava etapa de Vogler, A Provação. Trata-se de um momento em que os reveses representam, tão simplesmente, o fato de que todo fracasso em lidar com uma situação da vida deve traduzir-se, no final, como restrição à consciência (Campbell, 1997, p. 68). Um momento, portanto, de recuo, mas não desistência, afinal, os heróis precisam morrer para que possam renascer (Vogler, 2015, p. 231). E tal, fica mais evidente pelo fato de que tanta energia despendida na manutenção do poder fora do fairplay, aliada à benesse de não terem liberdades duramente restringidas, apresentou estímulo para um renascimento. O recolhimento, se houve, foi breve e apenas para demarcar esta provação em suportar a derrota como algo fraudulento em idênticas narrativas (Cohen, 2022).

Na visão do séquito, houve abrillantamento dos bravos que provaram em atos suas palavras em combater as hordas do mal contra a pátria, se mostrando os correligionários de mitos lamuriosos (Gama, 2022) ou belicosos (Kay, 2022). A polarização afetiva se mostra longe do fim.

É chegado o momento em que o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa (*elixir*). (...) A bênção que ele traz consigo restaurar o mundo (Campbell, 1997, p. 137). Ou como diz Vogler: os heróis agora vivenciam as consequências de terem sobrevivido à morte. Com o dragão que morava na Caverna Secreta morto ou subjugado, eles empunham a espada da vitória e reclamam sua recompensa (Vogler, 2015, p. 255). E qual seria esse elixir de Campbell? A certeza que tinham após tudo pelo que passaram aqueles personagens políticos. Assim, se um escancaramento de discursos e posicionamentos extremo-direitistas seriam execráveis outrora (um suicídio político), o mundo mudou com muitos que agora clamam por esta nova/antiga ideia, o autoritarismo. E quem nasceu primeiro? O líder falastrão que influenciou e radicalizou as massas; ou massas predispostas a despudoradas emanações de ódio? Não é aqui proposta debruçar sobre isto, mas sobre os fatos de que, no fim das contas, a trajetória dos heróis do ódio, é uma trajetória que os mitifica aos olhos de uma massa, não sendo apenas a elite dos altos detentores do capital, mas também, e em sua maioria, cidadãos médios. E bem relembra Reich, de que o fascismo, na sua forma mais pura, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio (Reich, 1988, p. 12).

Com a recompensa vem O Caminho de Volta, décima etapa na jornada do herói. E aqui vemos a inflexão com a qual o herói se depara.

FLUXO CONTÍNUO

Saído de sua zona de conforto/mundo comum e percorrido todo um caminho de dificuldades para provar bravura e ideias, chega um ponto em que a recompensa é conquistada, lhe dando a oportunidade de sair de cena, relaxar em glória. Contudo, também tem a opção de prosseguir, continuando a jornada para um local totalmente novo ou destino final (Vogler, 2015, p. 271), ainda que ciente de que não é sem dificuldades que se desafiam as forças do abismo (Campbell, 1997, p. 118).

Em constante estado de campanha, tanto Trump quanto Bolsonaro não deixaram de emitir declarações polêmicas e sinalizando desejo de retorno à presidência. Trump já obteve sucesso no intento. Bolsonaro, a despeito da inelegibilidade, não esconde disposição em articular para reverter este quadro ao concorrer ao Planalto novamente.

Este caminho de volta ao poder, portanto, nos leva à Ressurreição, penúltima etapa da jornada do herói organizada por Vogler, onde se destaca que um “novo eu” precisa ser criado para um novo mundo (Vogler, 2015, p. 283). E como já ficou claro que a proposta aqui é a constatação de que a figura do herói em tela subverte um imaginário de personagem justo e apaziguador, o herói do ódio, portanto, se fortalece no aprofundamento de seus princípios que, afinal, o levaram dos primeiros dias no poder, passando por uma massa de seguidores, até um novo eu, síntese de tudo. O resultado? Uma versão ainda mais agressiva e com capital político maior do que em mandato anterior. Com pouco mais de um dia de empossado: medo generalizado no país perante a ameaça de deportações em massa, expurgo de funcionários públicos não alinhados (Cohen, 2025), saudação nazista do apoiador Elon Musk (Wright, 2025). O novo eu é o olhar de volta mais profundo do abismo.

O caminho de volta é o clímax da narrativa heroica, em que se verifica a ratificação de seus valores na sobrevivência ao percurso tortuoso e, assim, vislumbre para o Retorno com o Elixir, última etapa da jornada.

Neste final, os heróis trazem de sua epopeia o elixir. Quer dizer, não algo físico propriamente, mas um ensinamento pelo exemplo de sua história. Enfim, algo para dividir com os outros ou algo com o poder de curar a terra ferida (Vogler, 2015, p. 304).

Se outrora vimos uma Internacional Socialista, hoje já não se escondem as intenções de uma *Internacional Liberal* que nunca esteve tão vigorosa com o refugo do liberalismo clássico ganhando o mundo, o extremo-direitismo. Assim, a utopia cedeu lugar à retrotopia, mas não aquela de Zygmunt Bauman, sobre a necessidade de rever valores antigos de maior civilidade. Trata-se da retrotopia fascista, que parece tangenciar com o pensador polonês quando este afirma que viver nessa *Era torna o ambiente de inquietação, confusão e ansiedade quase uma conclusão antecipada*

FLUXO CONTÍNUO

(Bauman, 2017, p. 119). Contudo, enquanto para Bauman a degradação se dá pela mercantilização desenfreada de todos os valores e relações, para o extremista de direita o mundo vive assolado pelo caos dos fantasmas da ideologia de gênero, do comunismo e do pensamento racional. Desta forma, as histórias de vida dos heróis do ódio são exemplos (elixires) para a busca de algo muito além de uma renovação nacional, mas uma nova ordem mundial.

Uma nostalgia sinistra embala práticas e discursos. Incitam massas contra divergentes políticos e atemoriza as relações internacionais quando olham para um passado de pureza, reluzente de uma era de ouro, termo recorrente nas últimas falas de Trump 2.0 (Redação do G1, 2025).

Em momentos de campanha, as preferências dos eleitores eventualmente se exaltam, mas o que outrora seria não mais que momentos de admiração maior, as décadas dos anos 2000 demonstram verdadeira toxicidade na polarização política, da qual o Brasil não escapa:

Ainda assim, em alguns aspectos, o Brasil segue o padrão comum identificado na literatura internacional. Um deles é o nítido antagonismo no campo afetivo. Além disso, o Brasil segue a tendência internacional com a concentração da polarização nos grupos politicamente mais engajados. Ambas as formas de polarização afetiva (direcionada aos líderes e aos partidos) e o extremismo ideológico se associam positivamente com o interesse por política, o engajamento político e o partidarismo. (Fuks; Marques, 2022)

O aprofundamento deste constante estado de campanha tem esta marca de atuar em via de mão dupla com as massas: líderes insuflando eleitorado, eleitorado endeusando seus líderes (mitos, heróis). Assim, tal relação não deve fazer pensar que todo votante de Trump e Bolsonaro seja necessariamente um fanático odiente. Contudo, não deixa de demarcar que tanto eleitores moderados quanto radicais, ao fim, ofereceram endosso para que pautas morais e de costumes contra o fantasma do esquerdismo subversor, se sobrepuesse aos interesses por planos concretos para políticas públicas.

Se uma mente sã reflete um corpo sô, isso vale para o indivíduo tanto quanto para o coletivo. De tal maneira, Campbell e Vogler, nas suas respectivas análises dos mitos antigos e entretenimento contemporâneo, nos oferecem esta perspectiva narrativa do herói que busca se mitificar, uma construção deste olhar psicológico que relaciona homens e massas.

FLUXO CONTÍNUO

Campbell se fundamenta em Freud e Jung para sua jornada do herói em Freud e Jung, dado estudos destes sobre construção do mito nas mentalidades individual e coletiva. Assim, Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna. (Campbell, 1997, p. 6)

Em Jung, há a noção de arquétipos, ideia essencialmente ligada ao inconsciente coletivo. Por sua vez, está intimamente conectada ao conceito de herança psíquica de *imagens primordiais* da humanidade para entendimento do mundo.

Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo. Chamo-o “coletivo”, porque, ao contrário do inconsciente acima definido, não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram (Jung, 2011, p. 82-83).

E dentre os arquétipos de Jung (sábio, explorador, rebelde etc.) é o do herói, evidentemente, que se destaca aqui, sem que o olhar sobre este se faça de forma isolada. Afinal, nenhum indivíduo ou coletividade se encontra na pureza de um ou outro arquétipo, pois que há sempre aquele que sobressalta na sua personalidade. Assim, nas palavras de Jung, fica claro o processo de relação entre o indivíduo e a massa em que aquele se toma por um frenesi (político, por exemplo) que o modifica, fazendo com que não retorne ao seu pensamento original. Isto, mesmo depois da desconexão, dado o impacto psíquico pela ligação com a coletividade, pois a pessoa depende continuamente da embriaguez da massa a fim de consolidar a vivência e poder acreditar nela. Quando não está mais na multidão, a pessoa toma-se outro ser, incapaz de reproduzir o estado anterior (Jung, C. J., 2000, p. 124).

Sobre endeusamento de personagens como Trump e Bolsonaro, Jung constata que para a vivência da transformação também é importante a identificação com o deus ou herói que se transforma durante o ritual sagrado. Muitas cerimônias de culto têm por finalidade criar essa identificação (Jung, C. J., 2000, p. 125). E a cerimônia/processo/culto se constrói pela perspectiva de narrativas discursivas e de vida, como vimos; um processo que não esmorece fora do pleito. Ao contrário, toda a ação e toda a palavra aplicadas fora do que for institucional incrementa a imagem do *outlier*, o homem antissistema que combate pelo poder e, após alcançá-lo, utiliza de suas prerrogativas para mudar paradigmas.

E se nada surge do nada, o furor do extremo-direitismo, mais do que surgimento, é, como faz refletir Jung, uma ideia primordial própria do ser humano. Assim, o extremismo na contemporaneidade, não teria aparecido, mas retornado. Algo melhor entendido em Freud.

FLUXO CONTÍNUO

Trump, nascido em 1946; Bolsonaro em 1955. O primeiro, em infância e adolescência no tempo de luta pelos direitos civis em um país que passaria, à revelia de muitos, a conviver com a integração e a ameaça disto para a cultura WASP (*white, anglo-saxon, protestant*). O segundo, de criança à vida adulta nos anos de chumbo e se juntado aos fardados quando entrou para a academia militar, em 1977. Ambos, portanto, em contextos respectivos de radicalismo racial e político, bem como na atuação de forças opositoras que, futuramente, tornariam aqueles anos como referência de vergonha. Como se sentiriam aquelas personalidades de direita na chegada dos anos 2000? Um sentimento de estranhamento e incômodo?!

Em *O Inquietante* (*O Estranho*, em diferentes traduções), Freud fala da estranheza que indivíduos expressam em situações que geram conflitos com valores arraigados ao longo do tempo desde a (e sobretudo na) infância. Assim, trata de *animismo*, que se caracterizava por preencher o mundo com *espíritos humanos*, pela superestimação narcísica (Freud, 2010, p. 268). Disto, denota-se que o estranhamento se dá, em verdade, como incômodo gerado pela volta do animismo infantil em um corpo adulto que, nesta divergência entre passado e presente, gera a neurose e o sofrimento pela angústia de inquietantes novos tempos, bem como a sensação de culpa enquanto não ocorre mobilização pelo combate a este sentimento de repressão, ressentimento. Tudo se dá, então, em um processo de volta da criança no adulto que, repreendido/recalcado, demonstra as forças do inconsciente podendo se projetar na consciência, no caso política, como o que vimos na jornada do herói.

O retorno do recalcado não se limita apenas aos políticos citados, mas também aos coletivos que formam seus séquitos. Assim, este trabalho é uma perspectiva sobre o poder do inconsciente coletivo na política. Pois, afeto é psique, que orienta convicções, mobilizações...a política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No esteio de pesquisas sob um olhar psicológico, há a constatação de danos ao bem-estar psíquico onde se destaca que dados encontrados na presente pesquisa sugerem que atualmente a direita encontra-se mais polarizada, ou seja, o desejo de distância e hostilidade em relação à esquerda é mais forte (Gloria Filho; Nunes Modesto, 2023, p. 8). Assim, se evidencia que o psíquico em junção à ciência política é um sinergismo que colabora para melhor compreender o presente de instabilidade democrática.

FLUXO CONTÍNUO

Para além da admiração, vemos uma massa de fanáticos que, por mais que não sejam maioria esmagadora de eleitorado, mesmo assim formam um poder de tumulto nas redes e nas ruas que acabam por promover grande poder de projeção e formação de opinião. Assim, sublinha-se fato recente de proposta de atualização nas regras do fisco brasileiro que foi revogada pouco depois, após difusão maciça de mentiras a respeito (Gomes; Martello, 2025).

A toxicidade percebida na polarização política de tipo afetiva é criada e mantida por incitação constante da base. De tal maneira, o outrora visto, como personagens que eram representantes de valores bem-vistos pelo eleitorado, agora se tornam as próprias ideias. Com posicionamentos radicais, votantes olham para heróis do ódio como sendo o conceito encarnado, a ideia viva de seus valores em um ciclo que se retroalimenta; e saber onde começa, é menos importante do que pensar maneiras de neutralizá-lo. O líder inflama as massas que, radicalizadas, devolvem maior sujeição e aumentam capital político do líder e seus aliados. Tudo isto, ainda mais claro nas ações de afronta ao Estado democrático de direito.

Pelo inconsciente coletivo, o bem é o próprio homem que, adorado pelas massas para além dos limites institucionais, vocifera que a justiça no mundo só será conseguida com este apoio e mobilização do povo. O homem-ideia é, portanto, aquele formado quando assim considerado por seu corpo correligionário que entende o líder como a materialização de valores destes e obtusos a quaisquer divergências (mesmo de fundamento institucional).

A irracionalidade que toma conta de vários países foi tratada neste artigo como um objeto que, num estudo da mentalidade política, nos faça refletir para encontrar lógica no que parece não se encaixar: servidores públicos privatistas, negros racistas, mulheres machistas. Enfim, constatar que a manifestação do inconsciente no consciente não tem obrigação de fazer sentido, mas tem consequências, podendo ser medonhas numa coletividade confortável com o absurdo institucionalizado, ganhando sentido o fato de que *na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes* (Freud, 2011, p. 15).

O extremo-direitismo, portanto, se mostra como *doppelgänger*, quer dizer, um duplo criado de um mesmo tronco institucional de direito que a democracia liberal, porém, subvertido – uma potencialidade sempre presente de degeneração (Schargel, 2024, p. 21). Sendo assim, da mesma forma que um governo democrático e legalista se forma por vias eleitorais, o mesmo é feito por extremistas que, após alcançado o poder (ou mesmo antes, em prelúdios de dúvidas lançadas sobre a lisura das eleições)

FLUXO CONTÍNUO

afrontam as instituições que os nomearam e a sociedade em geral. E a consolidação deste oposto vem justamente pela consagração da jornada heroica que firma mitos como contrários de democratas e progressistas, a despeito de um início comum.

Em um esforço que não se limita aos estudos de Campbell, Jung e Freud, no entanto, é demonstrada a força da colaboração dos conceitos destes pensadores sob a ótica da psicologia (individual e coletiva) como variável a ter prosseguimento em outros trabalhos. E que não faltando pesquisas a respeito da compreensão de como se formam e mantêm heróis do ódio, surjam de maneiras mais recorrentes produções que apontem nortes para reverter este atual mal-estar da civilização.

REFERÊNCIAS

- ATAYDE, André de. **Trump diz ter recusado ser Personalidade do Ano na “Time”... que desmente convite.** Disponível em: <<https://expresso.pt/internacional/2017-11-25-Trump-diz-ter-recusado-ser-Personalidade-do-Ano-na-Time.-que-desmente-convite>>. Acesso em: 18 jan 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Cultrix, 1997.
- COHEN, Sandra. **Bolsonaro plagia narrativa fictícia de fraude eleitoral tramada por Trump.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2022/07/20/bolsonaro-plagia-narrativa-ficticia-de-fraude-eleitoral-tramada-por-trump.ghtml>>. Acesso em: 20 jan 2025.
- COHEN, Sandra. **Trump 2.0 é teste de resistência para a democracia americana.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2025/01/20/trump-20-e-teste-de-resistencia-para-a-democracia-americana.ghtml>>. Acesso em: 22 jan 2025.
- FIORINA, M. P.; ABRAMS, S. J. **Annual Review Political Science.** p. 563–588, 2008.
- FIORINA, M. P.; ABRAMS, S. J.; POPE, J. C. **Culture War? The Myth of a Polarized America.** [S.I.]: Pearson Longman, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e Análise do Eu.** São Paulo:

FLUXO CONTÍNUO

Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Sigmund Freud **Obras Completas** Volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14.

FUKS, Mario; MARQUES, Pedro Henrique. **Polarização e contexto:** medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública*, v. 28, n. 3, p. 560–593, 2022.

GAMA, Madson. **Em frente ao condomínio de Bolsonaro, eleitores do presidente rezam e choram após resultado.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/em-frente-ao-condominio-de-bolsonaro-eleitores-do-presidente-rezam-e-choram-apos-resultado.ghtml>>. Acesso em: 20 jan 2025.

GLORIA FILHO, Mario da Cruz; NUNES MODESTO, João Gabriel. Polarização política afetiva e bem-estar subjetivo no contexto político brasileiro. **Psico**, v. 54, n. 1, p. 10, 21 Ago 2023. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/39825>>.

GOMES, Pedro Henrique; MARTELLO, Alexandre. **Após repercussão negativa e fake news, governo decide revogar ato sobre fiscalização do PIX.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/01/15/receita-vai-revogar-mudanca-nas-regras-de-fiscalizacao-sobre-cartoes-e-pix.ghtml>>. Acesso em: 26 jan 2025.

GUERREIRO, Paulo Sérgio. **A eleição de um meme.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2019.

JUNG, C. J. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. C. J. Jung Obra Completa: **A Natureza da Psique.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011. v. 8.

KAY, Katty. **Os eleitores de Trump que ainda ameaçam iniciar guerra civil nos EUA.** Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/internacional-63496713>. Acesso em: 20 jan 2025.

LELKES, Yphtach. **Polarization:** manifestations and measurements. *Public Opinion Quarterly*, p. 392–410, 2016.

FLUXO CONTÍNUO

MARQUES, Hugo. **As mil faces de Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo.** Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/as-mil-faces-de-olavo-de-carvalho-guru-do-bolsonarismo>>. Acesso em: 19 jan 2025.

MILAČIĆ, Filip. **The Negative Impact of Polarization on Democracy.** Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/wien/18175.pdf>>. Acesso em: 28 jan 2025.

REDAÇÃO DO G1. **“MAGA”, “América” e “Era de Ouro”:** o glossário do que Trump disse na posse. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/21/glossario-da-posse-de-trump-o-que-significam-os-termos-mais-usados-pelo-novo-presidente-dos-estados-unidos.ghtml>>. Acesso em: 23 jan 2025.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SCHARGEL, Sergio. **Bolsonarismo, Integralismo e Fascismo.** São Paulo: Folhas de Relva Edições, 2024.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro diz que chora sozinho no banheiro de casa: “Michelle nunca viu”.** Disponível em: <www.correio braziliense.com.br/politica/2021/10/4955607-bolsonaro-diz-que-chora-sozinho-no-banheiro-de-casa-michelle-nunca-viu.html>. Acesso em: 18 jan 2025.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor:** estrutura mítica para escritores. São Paulo: Aleph, 2015.

WRIGHT, George. **As reações ao controverso gesto de Elon Musk, criticado por semelhança à “saudação” nazista.** Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/articles/cvg8nd40lvzo>. Acesso em: 22 jan 2025.